



1.9 • Conjuntura Internacional

O posicionamento russo no Ártico: entre ímpetos econômicos e de segurança

Larlecianne Piccolli

NOS ÚLTIMOS ANOS o Ártico ganhou destaque no cenário político internacional pelo que tem representado nos interesses econômicos, geopolíticos e estratégico-militares dos países limítrofes da região. Palco de inúmeras expedições e missões científicas, o ambiente inóspito limitador de trabalhos vem se transformando gradativamente em virtude do aquecimento global. O impacto do degelo da calota polar age diretamente nos interesses dos pares regionais e de potências externas. Neste sentido, a transposição de fronteiras, os vastos recursos minerais (em especial hidrocarbonetos) e as rotas logísticas facilitadas imprimem caráter estratégico à gélida região.

Para a Rússia, ademais da relação de identidade local, o Ártico importa em termos econômicos e de segurança. É o país com a maior costa litorânea (17.500 quilômetros) e maior população na região (nove milhões de habitantes distribuídos em setenta cidades e 1.600 assentamentos), além de apresentar vasta dependência em termos econômicos: 20% do PIB e 22% das exportações são originárias de atividades econômicas no Ártico; e a região é morada para forças militares estratégicas do país. Destarte, aos russos, o Ártico se apresenta enquanto peça fundamental em um tabuleiro geopolítico que unifica em si uma combinação de interesses econômicos e de segurança.

Importância do Ártico para a Rússia.

A Rússia protagonizou um feito inédito em agosto de 2007 ao fixar a sua bandeira a 4200m de profundidade no mar do Polo Norte. Por um lado, relembrou ao mundo as potencialidades do país em termos de expedições científicas polares, por outro, advertiu os pares estatais quanto ao ímpeto de defesa dos interesses russos na região.

A relevância da região, ademais de ser explicitada no novo milênio (aqui faz-se referência às citações recorrentes do Ártico nos documentos de política externa e de segurança do país), data de períodos anteriores e nos aponta que a Rússia mantém intrínseca relação e um padrão histórico de comportamento com o Ártico. Da análise de Brzezinski e Coakley, infere-se que este vínculo se dá pelo isolamento geográfico do território russo, direcionando a região como via de acesso às Linhas Marítimas de Comunicação, garantido acesso a mares aberto e de águas quentes. Tal fato é perceptível ao longo da II Guerra Mundial frente à importância inferida à Rota do Norte enquanto curso de abastecimento aos soviéticos. Foi via Ártico que as forças aliadas garantiram a entrega de toneladas de suprimentos a fim de manter a URSS em plenas condições de batalha para lograr vitória frente à Alemanha de Hitler.

O advento da Guerra Fria, e a consequente bipolaridade da ordem mundial, coloca o Ártico novamente como centro político-estratégico, acarretando-lhe status de zona potencial de conflito. Destarte, a re-

gião que configura a menor distância geográfica entre as duas superpotências, passa grande parte do século XX como uma zona de interesses militares, utilizado pelas forças estratégicas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e da Organização do Tratado de Varsóvia (OTV). As organizações se utilizaram da região para alocação de submarinos nucleares (em uma literal *caça de gato e rato*), bem como enquanto zona de testes para mísseis balísticos intercontinentais.

O desmantelamento da URSS e o consequente fim da Guerra Fria induzem uma significativa mudança na moldura político-estratégica da região: o Ártico perde sua relevância estratégica, levando a crer que ímpetos cooperativos se sobressairiam à expectativa do confronto. No entanto, o aquecimento global oportunizou a otimização de rotas comerciais como a *Northwest Passage* e a *Northben Sea Roate*, facilitou a exploração de recursos naturais, mas também imprimiu uma nova corrida securitária em seu entorno.

“
É reiterada pelo governo russo a necessidade de dispor na região de infraestrutura militar que dê conta da segurança das fronteiras árticas.”

Assim, a Rússia volta suas ações à região baseada em uma percepção ampla das potencialidades do Ártico e do papel deste na obtenção de seus interesses: seja pelo viés da cooperação ou sob escopo da segurança. O primeiro posicionamento prospecta a região via processos cooperativos, ensejado por uma leitura econômica. Já o segundo, foca-se numa leitura na qual o Ártico entona a posição de um posto avançado para a reafirmação da Rússia no jogo político internacional.

Escopo econômico russo ao Ártico: hidrocarbonetos e rotas logísticas.

Em termos econômicos dois aspectos são fundamentais a Moscou: exploração de recursos naturais (hidrocarbonetos) e rotas logísticas. Ambos complementares e não excludentes aos aspectos de segurança.

Uma pesquisa do Centro Geológico dos Estados Unidos apontou que cerca de 20% das reservas globais não exploradas de hidrocarbonetos estão no Ártico. A mesma pesquisa indicou que 52% do potencial energético do Ártico está sob auspícios russos, uma estimativa que beira quase 216 milhões de barris de petróleo. Veja-se o amplo percentual das atividades econômicas de Moscou que estão vincula-

das a recursos naturais (30% do PIB russo é composto por receitas vindas da exploração de *commodities* minerais; cerca de 70% das exportações compreendem recursos minerais e, destes, 86% recursos energéticos), e assim se torna factível o papel imprescindível que depreendem na economia e segurança nacional russa. Em termos da região em análise, as atividades econômicas desenvolvidas no extremo Norte russo, cuja pauta é majoritariamente composta por recursos energéticos, representam aproximadamente 15% do PIB e aproximados 25% das exportações do país.

Compete ressaltar que a exploração é dependente, igualmente, do desenvolvimento de infraestruturas e de garantia de autonomia de ação na região, atentando assim para a importância da soberania territorial sobre a massa gélida onde estão alocados os recursos. Abrem-se então duas questões fundamentais para a ação da Rússia no Ártico: investimentos e autonomia de ação.

No que tange aos investimentos, Kathrin Keil (2014) ressalta que há uma grande dificuldade de desenvolvimento dos recursos petrolíferos na plataforma continental russa serem efetivados conquanto não haja participação de capital e tecnologia externa. No entanto, pelo fato de as reservas serem consideradas recursos naturais estratégicos por Moscou, estão sob legislação e políticas específicas as quais amplamente limitam a participação de não russos no processo. Investimentos neste setor requerem um mínimo de 51% de participação de empresas russas, leia-se estatais, leia-se participação majoritária das empresas Gazprom e Rosneft. O que por um lado protege, por outro limita, em especial se analisado frente ao impacto das sanções econômicas impostas por conta da crise ucraniana nos setores tecnológicos russos.

A autonomia de ação, também relacionada aos investimentos e, em certa medida, garantida pela participação majoritária das estatais russas, refere-se tal qual à soberania sob as áreas de exploração. O imbróglio aí está no conclave russo da expansão de sua Zona Exclusiva Econômica em cerca de 1,2 mil km² adicionais, consolidadas enquanto extensão geológica da plataforma continental russa (Plataforma Lomonosov). Tal feito infere não apenas na exploração dos recursos do subsolo da área, mas também no controle de rotas marítimas potencialmente lucrativas, caso da *Northben Sea Route* e da *Northwest Passage*. Um forte ímpeto econômico motiva a exploração das rotas transoceânicas via Ártico tanto para o comércio internacional quanto para logísticas militares. O trajeto pelo Ártico, se comparado à rota do Canal de Suez, encurta a rota Europa-Ásia em quatro mil milhas náuticas e aproximadamente treze dias de trânsito, uma redução de quase US\$500.000 em combustível, evitando as turbulentas águas do Estreito de Málaga e do Mar Arábico.

RÚSSIA: DUAS POSIÇÕES

Com uma percepção ampla das potencialidades do Ártico e do seu papel na obtenção de interesses a Rússia age na região pelo viés da cooperação ou sob escopo da segurança.

O primeiro posicionamento prospecta a região via processos cooperativos, ensejado por uma leitura econômica.

Já o segundo, foca-se numa leitura na qual o Ártico entona a posição de um posto avançado para a reafirmação da Rússia no jogo político internacional.

A vinculação dos recursos energéticos e minerais como instrumento para implementação de políticas doméstica e externa é factual, determinando também o curso da influência geopolítica russa. Desta forma, os recursos dispostos no Ártico são de veras relevantes para a Moscou, impactando em seu desenvolvimento econômico e no papel cumprindo pela Rússia no sistema internacional.

Escopo de segurança russo ao Ártico: (re)militarização?

Muito embora o imperativo econômico se imponha majoritário, acredita-se que a Rússia tenha ambições militares contundentes em torno do Ártico. Tais ambições são factuais nas ações em torno da Frota do Norte alocada na região que, para além de proteger os recursos econômicos, atendem aos desafios impostos à capacidade missilística intercontinental terrestre russa – traduzida no imperativo do escudo antimíssil no Leste Europeu.

Destarte, é reiterada pelo governo russo a necessidade de dispor na região de infraestrutura militar que dê conta da segurança das fronteiras árticas. Para tanto, decorre-se um amplo fortalecimento do aparato militar já disposto, construção de novas bases e o desenvolvimento de novas tecnologias, como a criação de uma rede unificada de instalações navais, e a construção de submarinos de nova geração. Ademais da manutenção da segurança, importa também a gestão das linhas marítimas de comunicação, de extrema importância ao acesso russo a mares abertos. Para ambas as finalidades a reativação e o reaparelhamento da Frota do Norte é factual.

Localizada em Severomorsk, norte da Península de Kola, a principal força naval russa (Frota do Norte) abarca um número expressivo de navios quebra-gelo, submarinos nucleares, bem como 2/3 das forças nucleares da marinha russa. É responsável pela operações na região do Ártico e no Atlântico, e as suas capacidades permitem também a condução de operações de grande distância, como no Mar do Caribe e no Golfo de Adén.

Um breve levantamento dos indicadores militares aponta para cerca de oitenta embarcações em operação, uma frota de aproximadamente trinta e cinco submarinos de propulsão nuclear (onze submarinos dotados de capacidade missilística balística, quatro de mísseis de cruzeiro e vinte multipropósito de ataque), o maior navio quebra-gelo do mundo (*50 Let Pabedy*) e o cruzador *Pedro*, o *Grande* dotado de mísseis nucleares. A frota conta com suporte de aviação naval de 200 aviões de combate e cinquenta helicópteros, bem como forças terrestres – infantaria naval e brigada de exército. Além disso,

um Força Militar Especial está em treinamento, abertamente constituída para balancear as forças da OTAN estacionadas na região.

Dentre as ações de modernização da frota está em curso também o desenvolvimento de um sistema de radares antimíssil, uma unidade de defesa aeroespacial na região e uma moderna classe de submarinos – *Borey*. Chama atenção a reestruturação da classe de submarinos *Thyphoon*, orientada para condução de testes de uma nova classe de mísseis balísticos intercontinentais de combustível sólido, o *Bulava*, de alcance de 8.000km. O sistema *Bulava* foi projetado para suplantar sistemas de defesa antimísseis norte-americano, explicitamente o National Missile Defense (NMD) alocado no Leste Europeu. Sendo assim, alude-se ao Ártico a condição de via de manenedora da capacidade de segundo ataque nuclear russa.

Ressalta-se ainda a construção de bases na região, cuja função dual atende a interesses militares e civis. Atenta-se para a localização das Ilha de Alexandra e Ilha Kotelný em cujas localidades estão em desenvolvimento as bases – ao norte do Mar de Barents e ao norte do Mar Siberiano Oriental, inferindo o estabelecimento de postos avançados do país no Ártico. A análise de imagens de satélite da região mostra que ambas as bases são capazes de hospedar limitadas capacidades militares contudo, até ao momento, interpreta-se que utilizá-las ao combate não é prioritário. Moscou, por sua vez, utiliza variada nomenclatura para as bases: estações de monitoramento, complexos de controle de fronteiras, centros de pesquisa e resgate. Fato é que tais bases despontam como importante posto de monitoramento da região e de demarcação às reivindicações territoriais russas, bem como a proteção às Linhas Marítimas de Comunicação, reiterando o caráter utilitário dados por Moscou a sua política de segurança.

Referências

- Aerandir, M. W. (2012). *Breaking the ice: potential U.S.-Russian maritime conflict in the Arctic*. Master's Dissertation, Monterey: Naval Postgraduate School.
- Blond, G. (1967). *A Guerra no Ártico*. São Paulo, Flamboyant.
- Bodner, M. & Eremenko, A. (2014). Russia Starts Building Military Bases in the Arctic. *The Moscow Times*. (08 Sep), disponível em <http://www.themoscowtimes.com/business/article/russia-starts-building-military-bases-in-the-arctic/506650.html>
- Coakley, R. (1977). O corredor persa como rota de ajuda à URSS (1942). In: *Estados Unidos da América: as Grandes Decisões Estratégicas (II Guerra Mundial)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977, pp. 204-238.
- Colacrai, M. (2004). *El Ártico y la Antártida en las relaciones internacionales*. Porto Alegre: UFRGS
- Flake, L. E. (2015). Forecasting Conflict in the Arctic: The Historical Context of Russia's Security Intentions. *The Journal of Slavic Military Studies*. v. 28: 1, pp. 72-98.
- Gorenburg, D. (2014). *Russian Interests and Policies in the Arctic*. Disponível em <http://warontherocks.com/2014/08/russian-interests-and-policies-in-the-arctic/>.
- Heininen, L.; Sergunin, A. & Yarovoy, G. (2013). New Russian Arctic Doctrine: from idealism to realism? *Valdai Club Discussion*. Moscow. (15 Jul), disponível em http://valdaiclub.com/opinion/highlights/new_russian_arctic_doctrine_from_idealism_to_realism/.
- Keil, K. (2014). The Arctic: A new region of conflict? The case of oil and gas. *Cooperation and Conflict*. v. 49, pp. 162-190.
- Laruelle, M. (2014) *Russia's Arctic Strategies and the Future of the For North*. New York, M.E. Sharpe.
- LEAL, J. L. R. (2012). *O Ártico como Espaço Geopolítico*. Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa. Departamento de História. (Doutorado).
- RIASANOVSKY, N. V.; STEINBERG, M. D. (2005). *A History of Russia*. 7th ed. New York, Oxford University Press.
- Russia to build Network of Modern Naval Bases in Arctic (2014). *Sputnik*. Moscow, (22 Apr.) 2014. Disponível em <http://sputniknews.com/military/20140422/189313169/Russia-to-Build-Network-of-Modern-Naval-Bases-in-Arctic-Putin.html>.
- Russia to set up Arctic Military Command by 2015 (2014). *Sputnik*. Moscow (17 Feb.) disponível em <http://sputniknews.com/russia/20140217/187620827/Russia-to-Set-Up-Arctic-Military-Command-by-2015.html>.
- Russia (2008). *The Foreign Policy Concept of The Russian Federation*. Disponível em <http://archive.kremlin.ru/eng/text/docs/2008/07/204750.shtml>.
- Russia (2000). *The Foreign Policy Concept of The Russian Federation*. Disponível em <http://www.russiaeurope.mid.ru/russiastrat2000.html>.
- Russia (2013). *The Foreign Policy Concept of the Russian Federation*. Moscow, (Feb.), disponível em http://www.mid.ru/brp_4.nsf/0/76389FEC168189ED44257B2E0039B16D.
- RUSSIA (2010). *The Military Doctrine of the Russian Federation*. Moscow, (Feb), disponível em http://www.sras.org/military_doctrine_russian_federation_2010.
- STRATFOR (2015). Russia in the Arctic: a different kind of military presence. *Stratfor Analysis*. (Nov), disponível em <https://www.stratfor.com/analysis/russia-arctic-different-kind-military-presence>.
- Trenin, D. & Baev, P. (2010). *The Arctic: a view from Moscow*. Washington, DC: Carnegie Endowment of International Peace.
- UFRGSMUN (2013). *UFRGS Model United Nations Journal: new perspectives for a changing world*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, v.1.